

## **A filosofia na vida cotidiana**



Scott Samuelson

# A filosofia na vida cotidiana

Uma introdução simples aos grandes temas filosóficos

Tradução:  
Maria Luiza X. de A. Borges

Revisão técnica:  
Filipe Ceppas

Título original:

*The Deepest Human Life*

*(An Introduction to Philosophy for Everyone)*

Tradução autorizada da primeira edição americana,  
publicada em 2014 por The University of Chicago Press,  
de Chicago, Estados Unidos

Copyright © 2014, The University of Chicago

Copyright da edição brasileira © 2020:

Jorge Zahar Editor Ltda.

rua Marquês de S. Vicente 99 – 1ª | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ

tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787

editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados. A reprodução não autorizada desta publicação,  
no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo  
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

A editora não se responsabiliza por links ou sites aqui indicados, nem pode garantir que  
eles continuarão ativos e/ou adequados, salvo os que forem propriedade da Zahar.

Preparação: Diogo Henriques | Revisão: Carolina Sampaio, Tamara Sender

Indexação: Gabriella Russano | Capa: Estúdio Insólito

Foto da capa: © Hulton Archive/Getty Images

CIP-Brasil. Catalogação na publicação

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

---

S188f Samuelson, Scott  
A filosofia na vida cotidiana: uma introdução simples aos grandes temas filo-  
sóficos/Scott Samuelson; tradução Maria Luiza X. de A. Borges; revisão técnica  
Filipe Ceppas. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

Tradução de: The deepest human life

Inclui bibliografia e índice

ISBN 978-85-378-1868-8

1. Filosofia. I. Borges, Maria Luiza X. de A. II. Ceppas, Filipe. III. Título.

A vida humana mais profunda está em toda parte, é eterna.

WILLIAM JAMES



## Prelúdio sobre a poluição luminosa e as estrelas

“Nós tinha o céu, lá em cima, todo salpicado de estrela, e nós deitava de costa pra olhá pra elas e debatê se elas tinha sido feita, ou só aparecido – o Jim pensava que elas tinha sido feita, mas eu achava que elas tinha acontecido; eu calculava que ia demorá demais pra *fazê* tanta estrela. O Jim falou que a lua podia ter *botado* elas; bom, isso parecia até certo, então eu não falei nada, porque eu tinha visto um sapo botá quase o mesmo tantão; daí é claro que era possível. Nós costumava contemplá as estrela cadente, também, e vê elas riscando o céu. O Jim achava que elas tinha ficado podre e foram expulsa do ninho.”\*

MARK TWAIN

A POLUIÇÃO LUMINOSA das cidades obstrui a visão do céu de um número cada vez maior de pessoas. Algumas passam anos sem admirar uma só vez a lua ou as estrelas. Esta é uma metáfora apropriada da situação humana. Há um verso perturbador de Kabir, o misterioso poeta indiano do século XV, uma espécie de contador de histórias místico: “Eles desperdiçam seu nascimento em ismos.”<sup>1</sup> Ele tem em mente as principais tradições religiosas de seu tempo, mas a ideia se aplica com pungência ainda maior à nossa coleção de religiões, afiliações políticas, espiritualidades, identidades forjadas por marqueteiros e até teorias construídas em departamentos de filosofia. O brilho dessas crenças pode, na melhor das hipóteses, nos guiar através da vida. Mas elas muitas vezes equivalem a uma espécie de

---

\* Em tradução de José Roberto O’Shea (*Aventuras de Huckleberry Finn*, Rio de Janeiro, Zahar, 2019). (N.T.)

poluição luminosa. A sensação de possuir conhecimento pode ser o pior inimigo da verdade. Crenças e teorias, e as identidades a elas associadas, são tão indispensáveis e fascinantes quanto a política, mas, da perspectiva da verdadeira filosofia, são na pior das hipóteses obstruções, e, na melhor, pontos de partida e de parada de uma jornada muito mais extensa, que envolve sair na escuridão de vez em quando e dar uma boa e longa olhada para o que brilha acima de nós.

A história que tenho para contar é sobre como, nas palavras de William James, “a vida humana mais profunda está em toda parte”.<sup>2</sup> As coordenadas de uma vida significativa – as estrelas, em minha analogia – estão aí para qualquer um de nós ver e decifrar. As questões, histórias e demandas dos grandes filósofos não são discursos de anjos que flanam em suas moradas celestiais. Até os mais formidáveis pensadores nos falam a partir de vidas muito parecidas com as nossas, com rotinas diárias, pequenos incômodos, dores, prazeres e reviravoltas ocasionais. Os pés deles não têm mais asas que os seus ou os meus.

Este livro é minha tentativa de fazer a filosofia descer de sua teorização etérea e fincar os pés de volta na terra, que é o seu lugar, entre pugilistas e quiropráticos, professores de música e agentes funerários, soldados e mães, chefs e pessoas divorciadas, Huckleberry Finn e Jim – você e eu, na verdade.

QUANDO EU TINHA dezesseis anos, topei com Tomás de Aquino e suas cinco maneiras de provar a existência de Deus. Enquanto lia sua prosa precisa, exultante, na Biblioteca Pública de Iowa City, dois sentimentos tomaram conta de mim: primeiro, a ideia de provar a existência de Deus era de longe a maior coisa que um ser humano podia fazer; segundo, eu não acreditava mais em Deus. Não que tivesse a menor ideia do que Aquino estava dizendo: li suas provas com sublime incompreensão. Acreditei – de maneira ilógica, equivocada e emocionante – que o fato de nos pronunciarmos sobre a existência de Deus provava de alguma maneira que éramos capazes de inventá-Lo. Ao longo de toda a minha adolescência de incer-

tezas, eu estava certo de que, fosse o que fosse que ele estivesse fazendo, tratava-se do ápice da realização humana. Eu queria participar. Sócrates, no início da *República* de Platão, atrai seus interlocutores para uma prolongada conversa sobre justiça pedindo-lhes para colaborar na fundação de uma cidade. Tomás de Aquino, sem o desejar, estava me atraindo para a fundação do universo. Embora eu não tivesse lido mais do que uma página de filosofia, e não tivesse sequer compreendido a página que li, eu queria ser um filósofo.

Pouco mais de uma década depois, eu estava concluindo um doutorado em filosofia na Emory University. O caminho óbvio diante de mim era galgar a um cargo de tempo integral numa instituição decente, transformar minha tese em livro, concentrar minha atenção numa especialidade, publicar alguns artigos e críticas e lambar as botas necessárias para obter estabilidade. Mas uma espécie de senso de destino (eu nunca o teria chamado assim na época) sempre me impediu de embarcar seriamente nesse caminho. Embora eu tivesse me provado capaz de publicar artigos e dar palestras no mundo da filosofia, rebelei-me contra a perspectiva de uma microespecialidade e a burocracia de um cargo estável. Além disso, eu não entrara naquele campo com o intuito de me tornar um erudito em filosofia, por mais maravilhosa e necessária que a investigação formal possa ser.

Quando minha mãe me telefonou de Iowa dizendo que havia lido nos classificados que o Kirkwood Community College tinha uma vaga para professor de filosofia em tempo integral, essa me pareceu uma maneira razoável de obter um seguro-saúde. A ideia de que “um emprego é um emprego” é especialmente pungente para filósofos. Diógenes de Sinope, um dos praticantes mais antigos de nossa profissão, costumava mendigar dinheiro a estátuas. Quando lhe perguntavam por quê, ele respondia: “Para me acostumar a receber recusas.” Mas ele não tinha uma esposa grávida. E nem minha mulher nem eu queríamos morar num barril e nos aliviar do lado de fora, como Diógenes costumava fazer.

Uma década depois, minha mulher e duas crianças dormiam um sono profundo no andar de cima, e eu estava sozinho na *selva oscura* (uma expressão da *Divina comédia* de Dante que, para um anglofalante como eu,

com poucos conhecimentos de italiano, parece a princípio algo como o “self obscuro”), fitando o fogo da lareira, refletindo sobre a questão do destino: justamente a atividade que recomendo a meus alunos, e que venho evitando tão assiduamente quanto eles. Ora, mais cedo naquela noite, num jantar festivo, alguém tivera o descaramento de me perguntar: “Você está cumprindo o seu destino?” A pergunta rude fora em parte minha culpa. Eu havia trazido à tona o assunto do destino, inspirado por minha recente leitura do *Mahabharata*, a gigantesca epopeia em sânscrito da Índia antiga (é três vezes mais longa que a Bíblia), que narra a guerra fratricida entre pandavas e kauravas. Falar de maneira abstrata sobre o destino pode ser enfadonho ou fascinante, mas a pergunta sobre estarmos ou não cumprindo nosso destino vai ao cerne da questão com a precisão de uma flecha. Eu hesitei, furtando-me a uma resposta sincera como somente alguém formado em filosofia é capaz de fazer. Mas agora, diante do fogo, eu só tinha a mim mesmo para enfrentar.

Meus soturnos pensamentos iniciais foram que eu deveria estar fazendo mais com meus talentos. Por mais que eu gostasse de lecionar num *community college*,\* tratava-se, afinal de contas, de um *community college*. Amigos de instituições mais prestigiosas, minha família e até alguns alunos tinham me estimulado, com variados graus de sutileza, a trabalhar para progredir em minha carreira acadêmica: um caminho que minhas escolhas de vida tinham basicamente feito desaparecer. Meus pensamentos sombrios divagaram – embora este talvez seja o verbo errado – para uma história do *Mahabharata*, justamente a que provocara a desnorteante pergunta sobre meu destino depois que eu a contara no jantar.

Um certo Ekalavya, membro da mais desprezada tribo proscrita, pede para estudar a arte de manejar o arco com Drona, o grande guru. Arjuna, o herói do *Bhagavad Gita* (um curto capítulo do *Mahabharata*), tornara-se o maior arqueiro do mundo graças à instrução de Drona. Mas, cheio de desdém, o guru recusa Ekalavya, porque a presença fétida de um pária per-

---

\* Instituição de ensino superior intensivo em que os cursos têm apenas dois anos de duração. (N.T.)

turbaria os outros alunos. Assim, Ekalavya se retira para um lugar isolado na floresta e entalha uma pequena escultura de Drona, que instala como um ídolo para supervisionar sua prática solitária com o arco e a flecha.

Um dia, Arjuna sai para caçar. Seu cão corre para a floresta e começa a latir para o arqueiro proscrito, que fica irritado e dispara uma saraivada de flechas com tal perícia que, sem causar dano, elas instantaneamente tapam a boca do animal. O cão corre de volta para seu dono, que olha com espanto para o animal amordaçado. Em seguida Arjuna volta para junto de Drona, de mau humor, e se queixa: “Você disse que faria de mim o maior arqueiro do mundo.” “E fiz”, responde o mestre. Arjuna aponta desalentado para a boca amordaçada de seu animal de estimação, obviamente a obra de alguém maior.

Drona e Arjuna rumam de volta para a floresta, a fim de descobrir o que está acontecendo. Então deparam com o arqueiro solitário e observam com espanto enquanto ele pratica com seu ídolo entalhado. Por fim, Drona vai até ele e pergunta: “Sou eu o seu mestre?” O arqueiro faz uma profunda reverência, honrado com a presença do guru, e diz: “É claro.” Na Índia da época, era costume que os professores só fossem pagos depois que tivessem ensinado com sucesso a seus alunos; mas, após a conclusão do ensino, podiam pedir qualquer remuneração que lhes parecesse adequada. Assim, o mestre diz: “Suas habilidades provam que você está formado, e agora peço meu pagamento.” Ainda mais profundamente honrado, o aluno diz: “Qualquer coisa que pedir, mestre.” Ao que Drona responde: “Peço seu polegar direito.”

Sem hesitar, Ekalavya puxa uma faca, corta fora o polegar direito e o entrega ao mestre, que em seguida se vira para Arjuna e diz: “Pronto, agora você é o maior arqueiro do mundo.”

Do que trata a história de Ekalavya? De um mestre que escolhe a elite em detrimento do comum. De um aluno que oferece ao mestre o cumprimento de sua vocação. Das possibilidades de se participar da mais elevada organização da educação. Dos bloqueios psicológicos que impedem tal participação. Da tragédia brutal causada pelas estúpidas divisões que traçamos. A história, ao que parecia, fragmentava-se em duas imagens claras:

o eu possível e o eu real. Eu havia escolhido ensinar Ekalavya, mas alguma coisa em mim estava se prendendo aos preconceitos de Drona.

De repente, da escuridão do meu eu obscuro, momentos dos últimos dez anos começaram a cintilar; momentos de autoesquecimento em que estive na presença da filosofia não como uma atividade profissional, mas como ela de fato é: a busca da sabedoria, uma maneira de viver. Minha mente resplandeceu com rostos de soldados, donas de casa, encanadores, enfermeiros, futuros professores, prisioneiros, operários do saneamento, professores de jardim de infância, pacientes com câncer; um número indefinido de almas cuja profissão atual ou futura eu nunca soube; pessoas reais de todas as idades e todos os graus de alfabetização, obcecadas pelas mesmas questões – as mesmíssimas questões – que moldaram a tradição em que eu havia sido inspirado a ingressar após ler Tomás de Aquino e suas cinco provas da existência de Deus. Se Simone Weil está certa ao dizer que “a atenção absolutamente pura é uma prece”, eu tinha estado na presença de Deus durante múltiplas conversas que aconteceram sobre o medonho carpete de minha sala de aula.<sup>3</sup> As estrelas estavam começando a brilhar.

Eu costumava ler a descrição que Platão fez das conversas de Sócrates e lamentar que elas fossem inconcebíveis em nosso tempo. Agora, sempre que eu lia, na *Apologia*, a passagem em que Sócrates questiona os luminares de Atenas apenas para concluir que é ele o mais sábio de todos, porque pelo menos sabe que não sabe nada, penso em minha aluna Jillian, uma auxiliar de enfermagem que, embora nunca tivesse lido Platão, reencenou exatamente essa história no hospital em que trabalhava. Quando leio Epicteto, o eloquente filósofo estoico do século I, penso em James Stockdale no século XX, que manteve sua sanidade e até sua felicidade enquanto era torturado num campo para prisioneiros de guerra pelo que lembrava de Epicteto do curso “Filosofia 6: Os problemas do bem e do mal”, com o professor Philip Rhineland. Não posso pensar na filosofia moral de Kant sem recordar uma mãe de meia-idade que me perguntou com lágrimas nos olhos se ele estava certo. Para cada filósofo sobre o qual dei aulas, encontrei pelo menos um aluno cuja alma devolve fielmente um eco. O professor

aprendeu com seus alunos que pessoas sábias como Platão e Kant são mais do que a raiz de -ismos complexos.

A maneira típica de conceber o destino é ver o que parece fortuito como algo clandestinamente ordenado e racional. Mas é mais estranho que isso. Enquanto a lareira queimava, e eu vislumbrava minha vida à súbita luz do destino, aleatoriedade e racionalidade pareceram sinônimos, apenas duas palavras vacilando à procura da mesma realidade, duas faces feitas pela mesma face. Certos padrões internos podem jorrar de nós e dar sentido aos zigue-zagues e vicissitudes do tempo. Todos esses alunos que o acaso, também conhecido como destino, colocara nas carteiras bambas diante de meu tablado barato de metal formavam um importantíssimo conjunto de constelações, se olhados da maneira correta.

O QUE SE SEGUE não é nada mais nada menos que a prática da vida filosófica – em certa medida a história de minha própria jornada, não simplesmente no sentido de reminiscências pessoais, embora eu de fato narre algumas, mas uma exploração de uma memória moldada em grande parte pela contemplação de livros e conversas com companheiros sobre as coisas do espírito. Relaciono as histórias e ideias de alguns grandes filósofos com a minha própria vida, a de meus alunos e a de meus amigos. Num sentido mais amplo, este livro é sobre a própria jornada da filosofia, uma jornada intensamente pessoal que se tornou a jornada da civilização humana. Os capítulos se desenvolvem em termos temáticos e históricos. Tematicamente, se organizam em torno de quatro questões incorporadas na estrutura do animal racional: O que é filosofia? O que é felicidade? O conhecimento de Deus é possível? Qual a natureza do bem e do mal? Historicamente, os capítulos saltam de cume em cume (a imagem é de Nietzsche), começando com os antigos e avançando através das eras até o presente – à sua própria maneira, a busca coletiva da cultura ocidental. Não ignoro as grandes tradições religiosas, que têm uma íntima associação com a filosofia. Existe, espero demonstrar, um padrão subjacente à busca da sabedoria, ainda que ela com frequência leve a lugares fascinantemente distintos. Inclino-me

a pensar que a forma de nossas buscas individuais está escrita em linhas gerais na história da civilização, e que toda a jornada da civilização está mais ou menos codificada em cada um de nós.

Embora por vezes precise de uma lareira e solidão, a filosofia está mais plenamente presente no diálogo com os outros, alguns tomados por um desejo de verdade, a maioria inflexível com relação ao fragmento dela que possuem, como os cegos na fábula sufi que apalparam, cada um, uma parte do desconhecido elefante. Encontrei a filosofia, a verdadeira filosofia, até mesmo entre aqueles que se entediam e cabeceiam de sono em suas carteiras. Num desses paradoxos fundadores, o momento em que mais me sinto um estudante de filosofia é quando tenho o paletó manchado de giz.

PARTE 1

# O que é filosofia?



Quão – eu não conhecia nenhuma  
palavra para aquilo – quão “improvável”.\*

ELIZABETH BISHOP

“VEJO, MEU CARO TEETETO”, diz Sócrates, “que Teodoro compreendeu verdadeiramente a sua natureza quando disse que você era um filósofo, pois o espanto é a sensação do filósofo, e a filosofia começa no espanto.”<sup>1</sup> Samuel Taylor Coleridge acrescenta um toque de poesia à ideia: “No Espanto toda filosofia começou: no Espanto ela termina: e a Admiração preenche os intervalos.”<sup>2</sup>

“Espanto” é uma palavra maravilhosa, sugestiva tanto de perplexidade quanto de admiração. A investigação de pequenos mistérios – como por que uma vareta parece quebrada na água, ou por que os vizinhos acreditam em algo diferente sobre Deus, ou se você vê a mesma cor que as outras pessoas, ou por que estamos sempre lutando – perturbou vidas inteiras e civilizações inteiras. Meus alunos mais velhos muitas vezes comentam, com uma certa reverência, que a filosofia os faz lembrar do hábito de seus filhos pequenos de perguntar “Por quê? Por quê? Por quê?”. A curiosidade da infância, que ajuda a civilização a ser absorvida e refeita, é sem dúvida do mesmo tipo que os severos textos de Aristóteles e Kant.

Meu palpite é que até nossas pequenas perplexidades decorrem de um espanto mais básico. Muitas vezes esse espanto inicial tem a ver com a raiz

---

\* Tradução de Paulo Henriques Britto para “*How – I didn’t know any/ word for it – how ‘unlikely’*”, do poema “*The Unbeliever*” (*Poemas escolhidos*, São Paulo, Companhia das Letras, 2012). (N.T.)

expressiva de palavras como “moralidade”, “felicidade”, “mal”, “beleza”, “amor”. Experimentamos subitamente aquilo que essas palavras apontam e somos compelidos a tentar compreendê-las. Marguerite Yourcenar escreveu: “Existem almas que nos fazem acreditar na alma.”<sup>3</sup> Existem também belas experiências que nos fazem acreditar em beleza, acontecimentos ruins que nos fazem acreditar no mal e alguns raros momentos que nos convencem da realidade da felicidade. Para que a filosofia não degenerem em discussão inútil, é importante que recordemos e busquemos essas manifestações sagradas.

Existe um espanto ainda mais profundo diante de – por falta de palavra melhor – *tudo*. Permitam-me explicar relatando um espanto inicial que eu mesmo tive.

Eu devia ter cerca de dez anos de idade e estava na casa de um amigo. Ele era duas séries mais avançado que eu e portanto mais entusiasmado em relação às garotas, e achava que devíamos treinar nossas técnicas de beijo usando travesseiros como namoradas de faz de conta. Assim, ali estava eu, abraçando e beijando um travesseiro estranho. Em algum lugar em meio à escuridão do pano, tentando imaginar os cachos louros e os olhos azuis de certa colega de classe, minha consciência se partiu de maneira inexplicável e transbordou numa inquietante experiência, mais estranha até que beijar, e em que tudo pareceu extremamente duvidoso. Por que as coisas existem? Por que eu tinha nascido? Quem eu sou? Que grande mistério cósmico me levou a fazer ruídos de beijos contra um travesseiro? Pela mesma lógica, por que o sol, que aquece tão bem o nosso planeta, pegou fogo? Como podia haver outras mentes, cheias dos mesmos sentimentos e questões, assombrando as pessoas à minha volta? Como podia haver estranhos? Como o tempo se move? Por que o tempo se move? Por que um de meus amigos teve de ser atingido por um carro em alta velocidade, inchar como um terrível balão e morrer? Era como se eu tivesse caído por um túnel no travesseiro e entrado na formidável zona anterior à criação, quando Deus ainda coçava a cabeça considerando mundos possíveis.

Sim, eu estava cheio de perplexidades intelectuais. Ainda que só dali a vários anos fosse ler filosofia, consegui formular o problema nas palavras dos grandes metafísicos: por que existe alguma coisa em vez de nada? Sei

disso porque quando decifrei a *Introdução à metafísica* de Martin Heidegger, ainda um pretensioso rapaz de dezessete anos, fiquei pasmo ao encontrar minha profunda perplexidade exposta de forma tão serena. Mas a experiência envolveu mais do que a formulação de enigmas intelectuais; foi como se aquelas questões avançassem pelo meu sistema nervoso com eletricidade sobrenatural. Senti todas as variações de “por quê” e “como” na forma de um grande calafrio sagrado. Meu palpite é que todas as perplexidades filosóficas dos últimos três milênios estão contidas em experiências como essa, assim como as quinhentas gerações das folhas de um carvalho estão inseparavelmente ligadas em cada um de seus frutos, ou assim como todo o universo está presente, se os físicos estiverem certos, no equivalente a três minutos de matéria em explosão.

Tendo sido um daqueles momentos atemporais, não sei precisar quanto durou nem por que terminou; é provável que eu tenha simplesmente precisado tomar fôlego. De qualquer maneira, emergi do travesseiro, reorientei-me para a tênue existência do quarto de meu amigo e, em minha ingenuidade, cheio de animação, tentei contar a ele sobre minha viagem no tempo até o início de tudo. Sempre fui grato a ele pelo que me disse. Suas palavras foram o germe de todo o meu futuro na filosofia. Ele deu de ombros com o jeito indiferente de um companheiro: “Ah, sim, eu também já senti isso antes.”